
Escola nas Representações dos Estudantes do Ensino Médio

School in the Representations of High School Students

Rejane Dias da Silva

Orcid: <https://orcid.org/0000-000231-7939>

Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, Brasil

Email: rejane.dsilva@ufpe.br

Anne Caroline Silva de Araújo

Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, Brasil

Email: anne.carol.psi@gmail.com

RESUMO

Esta pesquisa teve a finalidade de analisar a escola e sua contribuição no processo de formação dos estudantes, com base na Teoria das Representações Sociais, e como as instituições formadoras têm contribuído com o movimento histórico de transformação dessa formação. Buscamos, assim, compreender e caracterizar o espaço de construção do conhecimento que é partilhado pelos estudantes do ensino médio das redes de ensino público e particular de Pernambuco. Para a coleta e análise dos dados utilizamos um questionário com perguntas abertas e fechadas. Participaram da amostra 100 estudantes matriculados no ensino médio em 2021. Quanto aos resultados, observamos o seguinte: as áreas do conhecimento indicadas como as melhores e piores de estudar foram biologia (24%) preferida; e matemática (32%) preterida. O que mais os estudantes apreciam na escola eles apontaram com significativo destaque a aprendizagem e a socialização. Em relação ao impacto da pandemia e ao modelo de aula remota, quando interrogados se “A escola está fazendo falta para você?”, 83% apontaram que sim; e “Como é assistir aula remota?”, a resposta foi “É difícil e eu não gosto” (42%), e quanto à autoavaliação de desempenho em 2021, 50% dos estudantes declararam que estavam abaixo da média.

Palavras-Chave: Escola; Aprendizagem; Ensino Remoto; Pandemia

ABSTRACT

This research aimed to analyze the school and its contribution in the process of training students, based on the Theory of Social Representations, and how educational institutions have contributed to the historical movement of transformation of this training. We seek, therefore, to understand and characterize the knowledge construction space that is shared by high school students from public and private education networks in Pernambuco. For data collection and analysis, we used a questionnaire with open and closed questions. The sample consisted of 100 students enrolled in high school in 2021. As for the results, we observed the following: the areas of knowledge indicated as the best and worst to study were biology (24%) preferred; and mathematics (32%) passed over. What students enjoy most about school they pointed out with significant emphasis is learning and socializing. Regarding the impact of the pandemic and the remote class model, when asked if “Is school missing for you?”, 83% said yes; and “What is it like to attend a remote class?”, the answer was “It’s difficult and I don’t like it” (42%), and regarding the self-assessment of performance in 2021, 50% of students declared that they were below average.

Keywords: School; Learning; Remote Learning; Pandemic.

INTRODUÇÃO

Este estudo originou-se do projeto de pesquisa intitulado “Escola nas representações sociais dos estudantes da educação básica”, dando continuidade aos estudos que vêm sendo desenvolvidos nos últimos anos na área de formação de professores e prática pedagógica e a contribuição da Teoria das Representações Sociais para os estudos na área da educação. Este artigo apresenta os dados referentes aos resultados dos estudantes do ensino médio. Assim, realizamos um estudo de caracterização das escolas públicas e privadas, com base na análise das representações sociais dos estudantes desse nível de ensino nas escolas do estado de Pernambuco.

Neste sentido, a pesquisa propôs caracterizar a escola na perspectiva do sujeito que usufrui de seus serviços, no caso os estudantes, e, com base na análise das representações sociais sobre escola, compreender e caracterizar esse espaço de construção do conhecimento que é gerado e partilhado pelos estudantes do ensino médio das redes de ensino de Pernambuco. É importante que seja considerado o momento de pandemia Covid-19 vivenciado durante a realização deste estudo e que as representações sociais de escola pelos estudantes do ensino médio estão sujeitas a influências de novas propostas educacionais com um modelo remoto com atividades síncronas e assíncronas. Adaptações foram realizadas para inserção no contexto atual.

Na realização do estudo elegemos como referencial a Teoria das Representações Sociais proposta por Serge Moscovici (1978), e demais autores da área, como Denise Jodelet (1989), Jean Claude Abric (1994) e outros, porque as representações sociais podem contribuir para o desencadear das práticas educativas e possibilitar o acesso ao conhecimento, bem como permitir compreender as variáveis psicossociais associadas ao desempenho discente. Definidas como um “conjunto organizado e hierarquizado de julgamentos, de atitudes e de informações que um determinado grupo social elabora sobre um objeto” (Abric, 1994, p.12), a abordagem teórica das representações sociais, aplicada à educação permite identificar e compreender os conhecimentos interiorizados pelo grupo de professores, alunos e diretores de modo a descrever sua “visão de mundo”, suas crenças e valores acerca de determinados assuntos (cf. Abric, 1994).

Atendendo ao objetivo geral de analisar as representações sociais de escola dos estudantes do ensino médio de escolas públicas e particulares, e com o propósito de estudar e refletir sobre o objeto de estudo, compreendemos que a Teoria das Representações Sociais desenvolvida por Moscovici (1978) se apresenta como um

recurso teórico-metodológico fortemente recomendável, por viabilizar abordagem multidisciplinar e multifacetada de um fenômeno situado no entrosamento de aspectos sociais e psicológicos que envolvem tanto a dimensão cognitiva quanto a afetiva dos sujeitos.

Durante os últimos 20 anos muito se tem discutido sobre os processos de ensino e aprendizagem. Criou-se consciência da necessidade de uma organização de educadores que possibilite o desenvolvimento de pesquisas que sustentem práticas pedagógicas pautadas em investigações e teorias do ensino e da aprendizagem. A visão de que produzir e ensinar o conhecimento requer contribuição de outras áreas, e de que o fenômeno educativo é multifacetado, é algo novo e ainda pouco difundido e aceito.

Esses pressupostos têm encontrado nas pesquisas com base em teorias psicológicas, notadamente as construtivistas, evidências que enfatizam a necessidade de se considerar o sujeito, o seu nível de desenvolvimento cognitivo, a cultura na qual ele está inserido e as diversas formas que ele possui de apreender o mundo no seu processo de aprendizagem. Com base nos estudos das teorias psicológicas cognitivistas, cujos principais representantes são Piaget e Vygotsky, passou-se a ter consciência de que os sujeitos, ao aprenderem, não o fazem como meros assimiladores de conhecimentos. Há no processo de aprendizagem determinados componentes internos que não podem ser ignorados. Segundo Coll (1994), “o ser humano em seu processo de aprendizagem seleciona, assimila, processa, interpreta e confere significações aos estímulos que recebe” (COLL, 1994, p. 100).

No entanto, será que podemos restringir o ato de aprender como puramente cognitivo? Alguns teóricos concordam que não. Isso pode ser visto nos trabalhos de Bruner (1990), entre outros. Esses autores consideram que tanto alunos como professores têm conhecimentos tradicionalmente categorizados como parte do domínio cognitivo, ao mesmo tempo em que têm atitudes em relação ao conhecimento, nesse caso consideradas parte do domínio afetivo. E, ainda, que ambos têm crenças sobre o saber, o ensino, a aprendizagem, que, às vezes, não podem ser encaixados exclusivamente em um único domínio, cognitivo ou afetivo, mas situam-se em ambos. Porém, no campo da investigação, boa parte das pesquisas realizadas tem sido a de categorizar os aspectos como pertencentes a um ou outro domínio. Assim, a noção de representação social pode ajudar à identificação dessa dupla dimensão, uma vez que ela objetiva superar a dicotomia entre o individual e o social.

Neste sentido, este estudo considera a necessidade de se investigar a abordagem global do funcionamento intelectual humano que leve em conta, ao mesmo tempo, o saber, as crenças e os valores. É nessa perspectiva que optamos por uma teoria que incorpora as três dimensões citadas – ordem social, cultura e cognição: a Teoria das Representações Sociais proposta e elaborada por Moscovici. As representações sociais são colocadas por autores como Moscovici, Jodelet, Doise, Abric, entre outros, como constituindo um saber: o do senso comum, o saber prático que orienta a conduta dos indivíduos e sua comunicação.

Recentemente, os estudos das representações sociais têm tido receptividade entre alguns educadores preocupados em compreender melhor os processos educacionais. Segundo Mazzoti, o “conhecimento das representações sociais de nossos alunos e de suas famílias, bem como as nossas próprias, pode nos ajudar a alcançar uma maior descentração no que se refere à maior eficácia das práticas educacionais” (MAZZOTI, 2000, p.71). Considerando que tanto o professor como o aluno têm uma série de crenças sobre o ensino e a aprendizagem, e que, às vezes, é influenciada pela própria especificidade do saber, podemos considerar que tanto um como o outro têm representações de natureza sociocultural que envolvem conhecimento, que suscitam reações de natureza afetiva (consciente ou não). Neste sentido compreendemos que analisar as representações sociais dos estudantes do ensino médio sobre a escola é um caminho para refletirmos sobre essas representações e suas relações com a prática pedagógica desenvolvida nas salas de aulas das escolas do estado de Pernambuco.

Assim, consideramos os estudantes neste estudo como fonte de informações, porquanto estes evidenciam concepções, caracterizações, princípios, bem como o pensar e o fazer da escola e dos professores. Além disso, consideramos imprescindível o desenvolvimento de mais pesquisas sobre escola, uma vez que, aparentemente, os resultados das avaliações institucionais apontam que nada teria mudado até agora se comparado aos resultados de aprendizagem dos estudantes em anos anteriores.

Procedimentos Metodológicos

Abric (1994) considera que o estudo das representações sociais necessita da utilização de estratégias metodológicas, que além de orientarem e fazerem emergir os elementos constitutivos da representação, conheçam a organização desses elementos e

sinalizem seu núcleo central. Nesta perspectiva a pesquisa será de cunho quanti-qualitativa.

Para a coleta de dados utilizamos um questionário contendo questões abertas e fechadas. Os dados foram tratados com o levantamento de frequências do Office Excel 2021. As questões foram sobre a influência da pandemia na educação, buscando também perceber o que mais os estudantes apreciam na ESCOLA; mapear por prioridade as áreas do conhecimento indicadas como as melhores de estudar e apontar o impacto da pandemia e do modelo de aula remota no cotidiano escolar.

A elaboração das questões foi simplificada, com a inclusão da identificação da escola e da seriação, de aspectos sociodemográficos (idade e gênero), e questões específicas classificadas em duas categorias. Na primeira categoria do questionário sobre “Como você vê a escola”, foram dispostas cinco questões para a análise de conteúdo: “disciplina que mais gosta de estudar”; “disciplina que menos gosta de estudar”; “o que você mais gosta na escola”; “citação de cinco palavras que a expressão escola o faz pensar”. Na segunda categoria “Considerando a pandemia e o modelo de aula remota”, foram dispostas três questões: “informe se a escola está fazendo falta para você com justificativa”; “como é assistir aula remota com justificativa”; e “considerando o ano de 2020, avalie como foi seu nível de aprendizagem (rendimento escolar)”.

Devido às limitações impostas pela pandemia, o questionário foi realizado utilizando o aplicativo formulários Google da plataforma G Suíte, e foi disponibilizado aos estudantes de forma remota. Também a pesquisa se ampliou aos estudantes de ensino médio da Região Metropolitana de Recife de diversas escolas. O envio do convite de participação da pesquisa conjuntamente com o link de acesso ao questionário exigiu a identificação do estudante por um e-mail, limitando a uma resposta por participante. O processo de coleta de dados foi encerrado ao se atingir 100 participantes.

Os dados coletados apresentam a participação de estudantes de instituições de ensino da Região Metropolitana de Recife. Equitativamente equilibrados, 50% de escolas particulares e 50% de escolas públicas. A participação mais expressiva foi dos estudantes da primeira série do ensino médio, com 43%; o segundo ano foi de 30%; e o terceiro ano foi de 27%. Deste, mais de 83% têm entre 15 e 17 anos de idade, e 56% são do gênero feminino.

A organização do questionário de coleta dos dados permitiu a identificação de três eixos que organizam as informações coletadas e se relacionam com a Teoria das Representações Sociais: Componentes curriculares, Preferências, e Impactos da pandemia. Os eixos apresentados tornam compreensíveis as principais representações sociais sobre escola na amostra selecionada relacionadas de forma a justificar determinadas tendências.

Representações sociais de escola compartilhadas entres estudantes do ensino médio

Componentes curriculares

Apesar de a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ter reformulado a nomenclatura aplicada devido à representação social do termo, foi preferido questionar com o termo anterior, disciplinas. Com referência às questões “Informe a disciplina que você mais gosta de estudar” e “Informe a disciplina que você menos gosta de estudar”, foram disponibilizadas 14 opções em formato de questão de múltipla escolha, constando a opção de inserir outras e os seguintes componentes curriculares: língua portuguesa, matemática, biologia, física, química, filosofia, língua inglesa, geografia, história, sociologia, educação física, educação artística (artes), literatura, projeto de vida e empreendedorismo.

Receberam destaque como “Mais gosta de estudar” os componentes curriculares de biologia (24%), história (18%), matemática (15%), geografia (9%), educação física (9%) e língua portuguesa (8%). E como “menos gosta de estudar”, os de matemática (32%), química (20%), física (12%), e língua portuguesa (9%) inglesa (8%). É significativo que os estudantes tenham predileções e rejeições, com destaque respectivo para biologia e matemática.

Lorenzoni et al (2012) observaram que para os estudantes do ensino médio a disciplina de educação física (18,5%) foi a que mais gerou interesse, seguida de biologia, português e matemática com percentual correspondente de 14,9%. Esses estudantes especificaram essa predileção por terem afinidade com a disciplina e pela didática dos educadores, considerando-os incentivadores. Entre as disciplinas de menor interesse destacou-se física (32%), seguida de matemática (20%) e química (11%), justificado por não aprovarem a didática utilizada pelo professor, que não ajuda na compreensão do conhecimento em sala de aula, dificultando assim o aprendizado, bem como afirmaram que não possuem afinidade com a disciplina, que é difícil de compreender.

De acordo com a BNCC (2018), as competências específicas da educação básica no ensino médio organizam as habilidades em áreas: Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias. O conjunto de competências específicas e habilidades para o ensino médio reafirma as competências gerais da educação básica e pretende subsidiar os sistemas de ensino e as escolas a construírem currículos e propostas pedagógicas diversificados.

Ciências da Natureza e suas Tecnologias incluem os componentes curriculares de biologia, física e química, bem como propõem que os estudantes possam construir e utilizar conhecimentos específicos da área para argumentar, propor soluções e enfrentar desafios locais e/ou globais, relativos às condições de vida e ao ambiente. Neste estudo o componente curricular biologia (24%) ganha destaque de predileção, enquanto física (12%) e química (20%) são preteridas.

Nas **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**, que incluem os componentes curriculares história (18%), geografia (9%), sociologia (3%), filosofia (1%), destacam-se entre as preferidas as duas primeiras. Essa área amplia a base conceitual e, mantendo referência às principais categorias, concentra-se na análise e na avaliação das relações sociais dos modelos econômicos, dos processos políticos e das diversas culturas.

Em **Linguagem e suas Tecnologias** o foco está na ampliação da autonomia, do protagonismo e da autoria nas práticas de diferentes linguagens; na identificação e na crítica aos diferentes usos das linguagens, explicitando seu poder no estabelecimento de relações; na apreciação e na participação em diversas manifestações artísticas e culturais e no uso criativo das diversas mídias (BNCC, 2018). Esse componente curricular inclui língua portuguesa, língua inglesa, literatura, artes e educação física, assumindo uma média de 5,6 de predileção e de 4,8 de rejeição.

Já **Matemática e suas Tecnologias**, constituído unicamente do componente curricular matemática, carrega um estigma histórico de rejeição, apesar de estar no centro das primeiras e principais atividades que desenvolvemos no cotidiano e fazer parte do senso comum mesmo daqueles que não são alfabetizados. Assumiu a máxima rejeição no estudo com 32%, e a predileção em 15%, em terceiro lugar. Segundo Cordeiro, Oliveira e Cunha (2020), o achar difícil é a condição para o não gostar. A maioria dos alunos não sabe, não compreende ou simplesmente não gosta de matemática, pois a metodologia utilizada se trata de uma didática retrógrada. A abordagem ensino-aprendizagem

utilizada pelos professores é tradicional, não se fundamenta implícita ou explicitamente em teorias empiricamente validadas, mas em uma prática educativa e na sua transmissão através dos anos.

Tabela 1. Porcentagem dos componentes curriculares MAIS e MENOS preferidos pelos estudantes do ensino médio. Recife/PE. 2021.

Componente Curricular	MAIS (%)	Componente Curricular	MENOS (%)
Biologia	24	Matemática	32
História	18	Química	20
Matemática	15	Física	12
Educação física	9	Língua Portuguesa	9
Geografia	9	Língua Inglesa	8
Língua portuguesa	8	História	4
Língua Inglesa	7	Biologia	3
Sociologia	3	Educação Física	3
Educação Artística (artes)	2	Educação Artística (artes)	2
Literatura	2	Geografia	2
Filosofia	1	Literatura	2
Física	1	Sociologia	2
Projeto de Vida e Empreendedorismo	1	Filosofia	1
Química	0	Projeto de vida e empreendedorismo	0
Σ	100	Σ	100

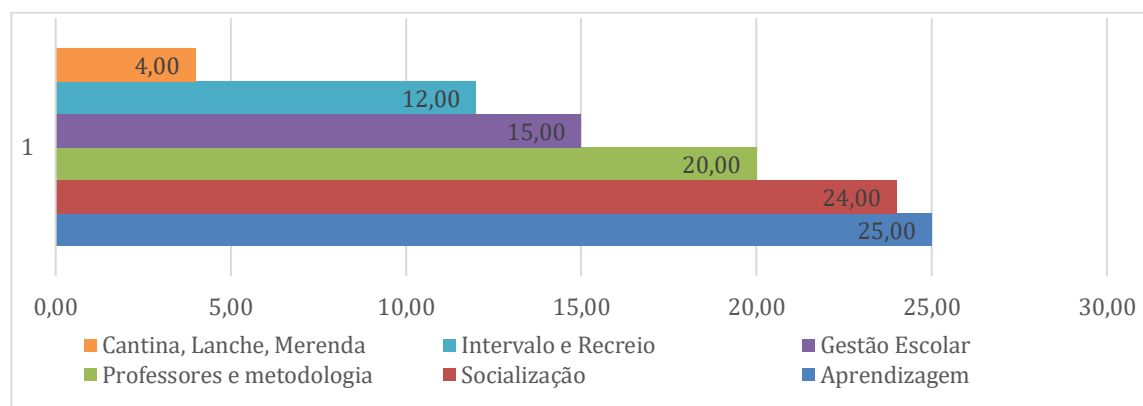
Fonte: as autoras, ano 2021.

Preferências dos estudantes sobre o que mais gostam na escola

Quanto à questão “O que você mais gosta na escola”, esta buscou informação sobre qual atividade os alunos têm mais interesse e como aproveitam seu tempo de permanência na escola. As informações mais pertinentes foram classificadas respectivamente em ordem de prioridade: Aprendizagem (25%), Socialização (24%),

Professores e Metodologia (20%), Gestão Escolar e Infraestrutura (15%), Intervalo e Recreio (12%) e Cantina, Lanche, Merenda (4%).

Gráfico 1. Preferências dos estudantes do ensino médio. Recife/PE. 2021.



Fonte: as autoras, criado a partir do Microsoft Office Excel 2016. 2021.

Foi percebido um significativo destaque para aprendizagem e socialização, o que retoma a necessidade de o adolescente ser parte integrante de grupos, bem como a percepção da importância de que é necessário estar em desenvolvimento pedagógico para poder fazer o estar na escola ser significativo. A relação com professores e suas metodologias de ensino se destacou, sendo primordial para essa faixa etária esse vínculo para a construção do conhecimento.

A aprendizagem foi o maior índice das preferências, sendo abordada como vontade de aprender coisas novas, ter interesse pelas aulas diversas e gostar do ensino e do estudo. O grande desafio da educação é tornar a aprendizagem interessante e instigar nos estudantes o interesse pelo aprendizado, e a chave para esse problema é relacionar a teoria da escola com o cotidiano do estudante.

Perceber a escola como um espaço amplo e com diversas possibilidades interativas leva os estudantes à valorização das descobertas, dos conhecimentos de diferentes agentes escolares, das experiências dos pais, do conhecimento de alunos, professores e pais sobre aparatos digitais. As potencialidades dos próprios aplicativos e as trocas de experiência vêm criando um contexto de aprender com o outro e de criar tarefas de formas muito diversas daquelas usualmente conhecidas dentro das salas de aula (LIBERALI, 2020).

Impactos da pandemia

O atual momento em que vive a educação, assim como em outras áreas, é desafiador, frente ao momento pandêmico por incidência do COVID-19. O desafio assumido pelos docentes e alunos é grande e são inúmeras as problemáticas que estão sendo enfrentadas pelos educadores, como o desinteresse dos alunos, a falta de equipamentos e de apoio dos pais e das instituições de ensino, dentre outros. É necessário ter criatividade e usar diversas estratégias para que seja possível desenvolver as atividades.

Os estudantes enfrentam problemas estruturais, como ausência de material tecnológico para participar das aulas. A perda ou ausência de conexão com a internet, além de outros aspectos como distração, dificuldade de compreensão e assimilação dos conteúdos, e a inexistência de um ambiente adequado aos estudos, geram influência negativa no rendimento acadêmico do aluno. A falta de motivação e acompanhamento da família nesse processo contribui para acentuar as dificuldades durante as aulas remotas (MIRANDA; LIMA; OLIVEIRA; TELLES, 2020).

Com referência à questão “Informe se a escola está fazendo falta para você”, uma significativa porcentagem afirmou que sim (83%). Os estudantes justificam fazer falta pela ausência de interação social com professores e colegas de turma, afirmam que não apresentam o mesmo nível de rendimento no ensino remoto em comparação ao presencial. Os que afirmam que a escola não está fazendo falta consideram que as aulas remotas estão satisfatórias e que preferem assistir aula em casa.

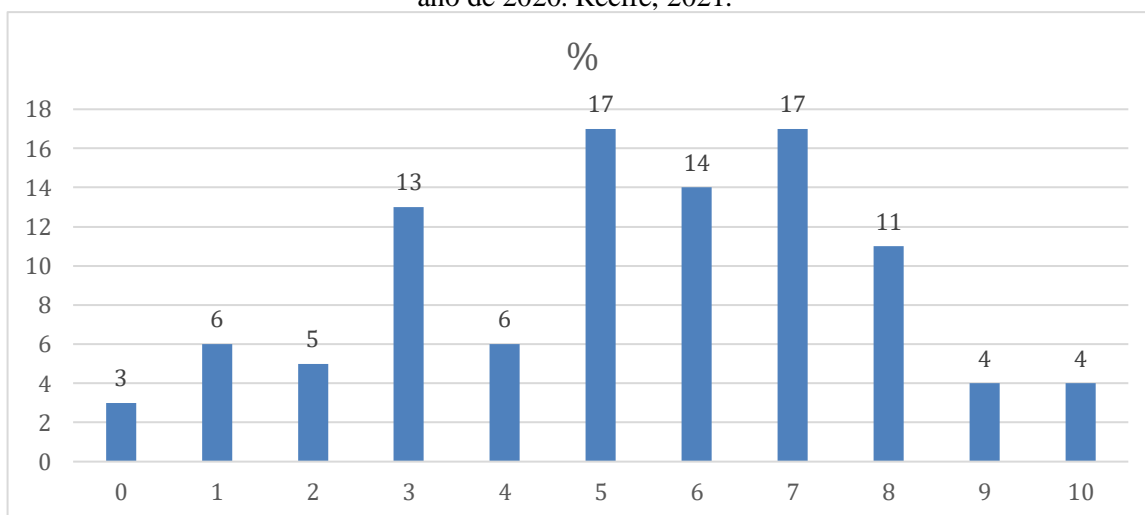
Também foi indagado “Como é para você assistir aula remota?”. Sobre a caracterização da aula remota, de acordo com as opções de escolha foram observadas as porcentagens de “**é difícil e eu não gosto**” (42%) e “**é fácil, mas eu não gosto**” (26%) como mais significativas em comparação com “**é difícil, mas eu gosto**” (19%) e “**é fácil e eu gosto**” (13%). E justificam suas respostas em falta de adaptação ao estilo de ensino remoto e dificuldade de aprender a distância, perdendo a atenção com facilidade e cedendo ao tédio e ao sono. Também afirmam ser cansativo ficar várias horas em frente ao computador ou celular, além de enfrentar desafios relacionados a perdas de conexão e internet instável.

Sobre essa temática de adaptação ao modelo de aulas remotas, Kramm, Angelo e Velasco (2020) relatam que quando faltam pré-requisitos relacionados a habilidades instrumentais como fluência de leitura e cálculos matemáticos simples, ou habilidades

acadêmicas complexas, como compreensão de texto, produção escrita, pesquisa e resolução de problemas, a aprendizagem autônoma tende a ser muito mais difícil. Desta forma, é perceptível que a dificuldade e o não gostar do remoto, bem como a baixa motivação para realizar atividades em casa, podem estar relacionados a essa falta de pré-requisitos importantes.

Em avaliação do ano de 2020, que foi uma integração ao estilo de aula remota, o percentual de alunos que se autoavaliaram com nota abaixo da média (de nota 0 até nota 5) foi de 50%; na média (nota 6, 7) foram expressivos 31%; e acima da média (nota 8, 9 e 10) foram poucas as avaliações 19%.

Gráfico 2. Autoavaliação dos estudantes do ensino médio sobre o desempenho educacional no ano de 2020. Recife, 2021.



Fonte: as autoras, criado a partir do Microsoft Office Excel 2016.

Miranda, Lima, Oliveira e Telles (2020) atentam que no tocante ao nível de satisfação dos alunos a respeito do seu aprendizado em relação às atividades que estão sendo desenvolvidas pela escola e pelos professores, os estudantes avaliaram a sua aprendizagem como regular ou até mesmo insatisfatória. Isso pode estar relacionado à dificuldade dos alunos em relatar a falta de motivação e de um local adequado de aprendizagem, o que é um prejuízo à compreensão e assimilação. Além da falta de explicação das matérias, pois consideram que é mais difícil entender e absorver o conteúdo de forma remota. A falta de planejamento e de organização do plano de estudos é outro ponto que colabara para a baixa autoavaliação dos estudantes.

Kramm, Angelo e Velasco (2020) também discorrem sobre os impactos psicológicos dos períodos de isolamento social e atentam que os mais jovens tendem a

responder quatro vezes mais com sintomas de estresse pós-traumático quando submetidos a períodos de quarentena do que em situações normais de rotina social. Por isso é importante estar mais atentos à saúde mental de nossas crianças e jovens nesse período. Agir com mais flexibilidade e criatividade pode auxiliar e reduzir essas tensões.

Considerações finais

A análise das representações sociais de escola dos estudantes de ensino médio aponta a escola como lugar de aprendizagem e socialização. O grande desafio da educação é tornar a aprendizagem interessante e instigar nos estudantes o interesse pelo aprendizado, e a chave para esse problema é relacionar a teoria da escola com o cotidiano do estudante.

Com base nos dados da amostra pesquisada, inferimos que as representações sociais dos estudantes pesquisados são equivalentes ao pensamento social imerso na cultura em que estamos inseridos de que se deve frequentar a escola para obter aprendizados através do estudo, com ênfase em construir uma preparação para o futuro.

O impacto da pandemia demonstra um estudante que sente falta da escola e que apresenta dificuldade em assistir aula remota, bem como informa não gostar desse formato. Ainda ressalta a autoavaliação de baixo rendimento a metade dos participantes.

Orienta-se que novos estudos sejam realizados sobre a representação social de escola para estudantes de ensino médio, ampliando para o ensino na graduação, com ênfase em alargar a percepção sobre os quadros semânticos que possibilitaram a análise objetiva das tendências e a proposição das atuais hipóteses.

Ao analisar as representações sociais compartilhadas entre os estudantes do ensino médio, sobre a escola, foi possível tornar familiares questões ainda não compreendidas com relação às práticas pedagógicas que contribuíram com discussões e reflexões para a melhoria da qualidade da educação.

REFERÊNCIAS

- ABRIC, J. C. **Pratiques sociales et représentations**, Paris, PUF. 1994.
- BRASIL. Ministério da Educação. **BNCC - Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRUNER, J. S. **Uma nova teoria da aprendizagem**. Rio de Janeiro: Bloch, 1990.
- COLL, C. **Aprendizagem escolar e construção de conhecimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- CORDEIRO, E. M.; OLIVEIRA, G. S.; CUNHA, A. M. O. Ensinar e aprender matemática nos primeiros anos do ensino fundamental. In: OLIVEIRA, G. S. (org). **Metodologia do ensino da matemática: pensando e organizando a prática pedagógica**. FUCAMP – Uberlândia/MG, 2020. Disponível em: <https://www.unifucamp.edu.br/wp-content/uploads/2020/07/LIVRO-met-do-ensi-de-matem-PENS-E-ORG-PP-1.pdf>.
- KRAMM, D. L.; ANGELO, H. V. B. R.; VELASCO, S. M. A educação em tempos de coronavírus: algumas dicas para auxiliar professores, estudantes e familiares. In: LIBERALI, F. C.; FUGA, V. P.; DIEGUES, U. C.; CARVALHO, M. P. (orgs.). **Educação em tempos de pandemia: brincando com um mundo possível**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Fernanda-Liberali-2/publication/342611734_Educacao_em_tempos_de_pandemia_brincando_com_um_mundo_possivel/links/5efcf47d299bf18816f69b09/Educacao-em-tempos-de-pandemia-brincando-com-um-mundo-possivel.pdf.
- LIBERALI, F. C. Construir o inédito viável em meio à crise do coronavírus – lições que aprendemos, vivemos e propomos. In: LIBERALI, F. C.; FUGA, V. P.; DIEGUES, U. C.; CARVALHO, M. P. (orgs.). **Educação em tempos de pandemia: brincando com um mundo possível**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Fernanda-Liberali-2/publication/342611734_Educacao_em_tempos_de_pandemia_brincando_com_um_mundo_possivel/links/5efcf47d299bf18816f69b09/Educacao-em-tempos-de-pandemia-brincando-com-um-mundo-possivel.pdf.
- LORENZONI, I.; ALFAIATE, M. B.; VIEIRA, B. C. R. MOULIM, M. Disciplinas que despertam mais e menos interesse nos alunos do Ensino Médio da E.E.E.F.M. **XVI Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e XII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação** – Universidade do Vale do Paraíba. 2012.
- MAZZOTI, A. J. A. Representações sociais: desenvolvimentos atuais e aplicações à educação. In: **Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender / ENDIPE** – Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- MIRANDA, K. K. C. O.; LIMA, A. S.; OLIVEIRA, V. C. M. E TELLES, C. B. S. Aulas remotas em tempo de pandemia: desafios e percepções de professores e alunos. **CONEDU – VII Congresso Nacional de Educação**. Out.2020. Disponível em:

https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA_ID5382_03092020142029.pdf

MOSCOVICI, S. **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

OLIVEIRA, G. C. A. Ensinar e aprender em tempos de covid-19: uma proposta pedagógica. In: LIBERALI, F. C.; FUGA, V. P.; DIEGUES, U. C.; CARVALHO, M. P. (orgs.). **Educação em tempos de pandemia: brincando com um mundo possível**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Fernanda-Liberali-2/publication/342611734_Educacao_em_tempos_de_pandemia_brincando_com_um_mundo_possivel/links/5efcf47d299bf18816f69b09/Educacao-em-tempos-de-pandemia-brincando-com-um-mundo-possivel.pdf.